

## Os últimos guardiões das línguas indígenas diante do COVID-19

Ana Carolina Rodriguez Alzza

Bruna Franchetto

A vulnerabilidade dos povos originários diante do COVID-19 tem sido colocada a partir de diferentes perspectivas que ressaltam, todas, não apenas um perfil epidemiológico altamente sensível, como também a precária situação do sistema de saúde e sanitário local que os atende. Sem dúvida, entre eles são os anciãos os que apresentam uma maior fragilidade ao contrair o vírus e desenvolver complicações acompanhadas de outras morbidades.

Quando as notícias sobre o coronavírus chegaram às terras indígenas, bem depois dos primeiros casos terem sido confirmados nas cidades, muitos anciãos decidiram sair da área povoada de suas comunidades para se isolar nas suas roças ou foram afastados das cidades para que se retirassem nas aldeias. Esta estratégia de sobrevivência, que agora conhecemos pelos rótulos #YoMeQuedoEnCasa (Perú) e #FicaEmCasa (Brasil), é bem conhecida por eles, já que seus antepassados fizeram mais ou menos o mesmo diante de outras doenças que os estrangeiros trouxeram consigo repetidas vezes ao longo do tempo. Com suas narrativas, os anciãos têm guiado o pensamento dos jovens líderes, que não viveram essas terríveis experiências, para que tomem a decisão de fechar suas comunidades de modo a conter a propagação do vírus no interior delas.

Cada ancião indígena guarda uma e, em muitos casos, duas ou mais das cerca de 350 línguas dos povos originários da Amazônia e muitas outras das terras baixas da América do Sul. Eles são os falantes apontados como referências da “fala bonita” em uma população com alta vitalidade lingüística, já que acumularam conhecimentos ao longo de sua vida. Em outros casos, os anciãos são os últimos guardiões de línguas das quais são os únicos falantes.

Em Perú, durante 60 anos, a língua iskonawa sobreviveu a um embate que atingiu duramente o seu povo, desde que doenças contagiosas desconhecidas começaram a afetar os mais velhos, a partir dos contatos com gente de fora. Hoje apenas cinco anciãos, que têm em torno de 70 anos, sobrevivem na bacia do rio Callería (Ucayali) para contar essa história. Assim, as lembranças de sua língua se entrelaçam com narrativas da morte de seus familiares, mas também com a esperança de que seus filhos e netos recebam a palavra que eles querem deixar antes de partir. A revitalização do iskonawa, em

andamento, não seria possível sem aqueles que se esforçam para lembrar e abrir um caminho cada vez mais amplo para a retomada da língua.

No Brasil, as coisas não são diferentes. Eufrásia, moradora da periferia de Corumbá, e Vicente, eremita arisco na boca do rio São Lourenço, também têm em torno de 70 anos e são os últimos descendentes guató que lembram a única língua indígena que sobreviveu no pantanal brasileiro, encostando na fronteira com a Bolívia, uma língua isolada que começamos a documentar com o desespero e o entusiasmo de uma emergência. O guató foi emergindo ao longo de meses de memórias adormecidas por décadas, emocionando uns jovens que só sabiam palavras soltas congeladas em escrita sobre papel.

Nos últimos anos, começamos a pensar em revitalização, resgate, vitalização, das muitas línguas que estão sendo devoradas pela violência estrutural exercida por instituições das sociedades nacionais, durante décadas, séculos. Em todas as iniciativas que tentam retomar as línguas indígenas estão os anciãos, arrimo de uma comunidade lingüística que talvez possa continuar caminhando. Esses homens e essas mulheres, apesar de sua idade, acolhem os que querem saber e falar. Saber e falar são forças que se atraem e nos fazem compreender como os conhecimentos dos povos originários são íntimamente enraizados em suas línguas.

O que acontecerá se os mais velhos, os mais vulneráveis em uma população vulnerável, são contagiados pelo COVID-19? Não temos dúvidas, estaremos diante do cenário mais devastador da nossa época. Veremos um sem número de línguas se extinguirem junto com seus últimos falantes. As pontes entre gerações que estavam sendo construídas para transmitir palavras, as distintas formas de fala, em muitos processos de revitalização iniciados pelos povos originários, com o apoio de instituições e pesquisadores, não terão continuidade. Por esta razão, entre outras, exigimos que os governos atuem estratégias de contenção contra a propagação do vírus. Essas estratégias devem prestar particular atenção aos anciãos, pela sua alta vulnerabilidade. Ou seremos testemunhas de um novo glotocídio decorrente de um novo etnocídio.

**Carolina Rodríguez Alzza.** Linguista e antropóloga. Docente do Departamento de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica do Perú (PUCP). Investigadora de temas relacionados à relação entre linguagem e cultura na Amazônia indígena.

**Bruna Franchetto.** Linguista e antropóloga. Professora Titular dos programas de Pós-Graduação em Antropologia Social e em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pesquisadora dedicada ao estudo de línguas indígenas, sua documentação e revitalização.